

## CIDADES E REGIÕES NO LOIRE MÉDIO

A tese de Y. BABONEAUX <sup>(1)</sup> insere-se numa linha de investigação que desde 1955 tem orientado a maior parte das grandes teses francesas de geografia regional, fundamentada nas relações entre as cidades e as áreas de influência respectiva.

A sua originalidade metodológica provém tanto da complementaridade de métodos utilizados como dos escalões espaciais de análise regional em que o autor projecta as suas preocupações.

Empregando a óptica monográfica no estudo exaustivo duma série de cidades, tomadas em conjunto através das suas semelhanças e diferenças, dos seus problemas comuns e perspectivas, completa-a pela definição da rede urbana, atendendo ao dinamismo das forças intracitadinas. Contudo, a concretização do pensamento que guiou a elaboração do trabalho conduziu a análise ao nível inter-regional e nacional: «Num momento em que a hipertrofia parisiense, que ameaça a capital de asfixia e a província de decadência, toma proporções inquietantes [...] as preocupações relativas ao conhecimento da forma como respondeu a rede urbana local àqueles que têm esperança numa descentralização efectiva das actividades nacionais, e que vão além de um interesse puramente local de organização das relações cidade-campo, pareceram-me dever orientar o estudo de um complexo geográfico particularmente interessado, pela incessante punção da capital, ao problema dos equilíbrios regionais» (p. 19).

Estes objectivos, porque vão ao encontro daqueles que movem a acção dos organismos de planeamento, fazem da obra um exemplo de investigação geográfica aplicável à organização do espaço. A sua leitura sugeriu-nos, porém, outra referência em matéria de aplicação. Numa altura em que se prepara uma reforma regional destinada a servir

<sup>(1)</sup> YVES BABONEAUX, *Villes et régions de la Loire Moyenne, Touraine, Blésois, Orléanais. Fondements et perspectives géographiques* (Thèse Lettres, Paris, 1966, 1 vol., 744 pp).

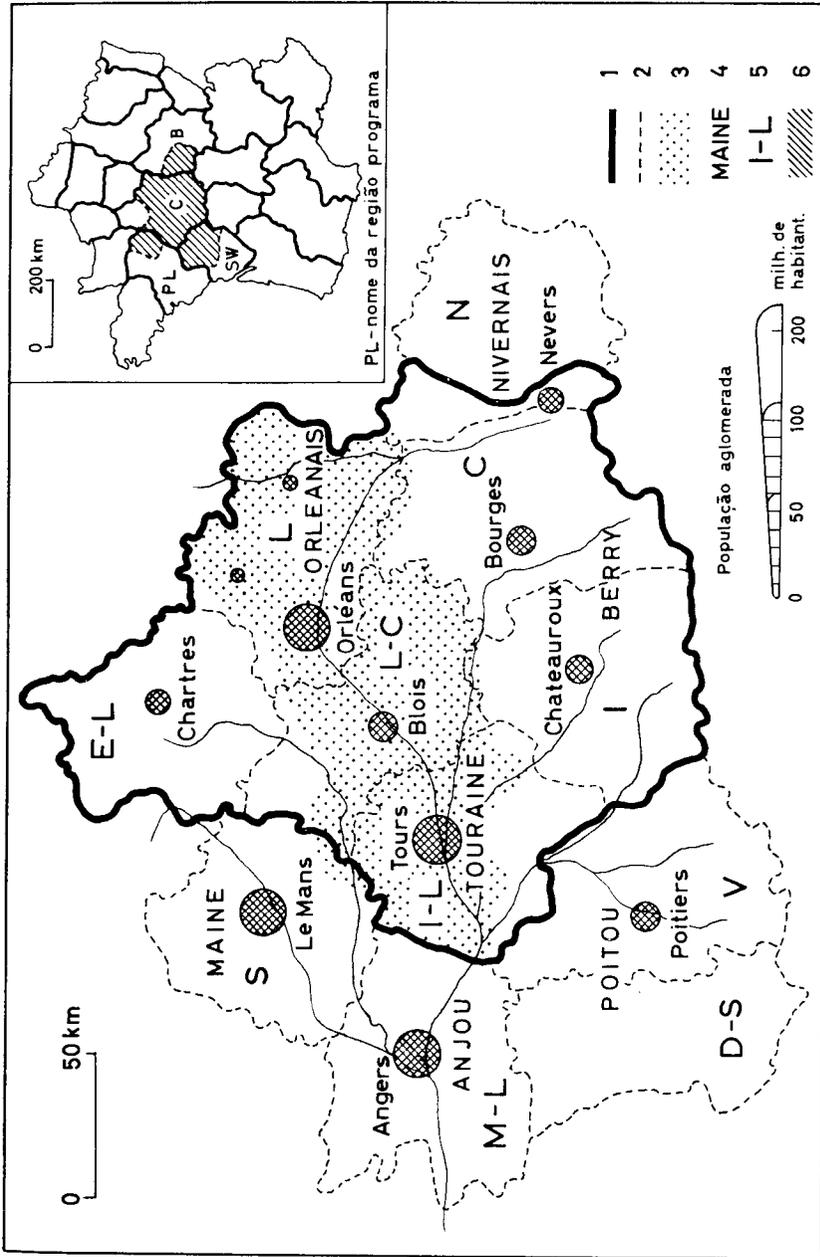


Fig. 1 — Cidades e regiões do Loire médio.

1 — Limite de região programa; 2 — limite departamental; 3 — Região do Loire médio (segundo YVES BABONEAUX); 4 — unidades provinciais históricas; 5 — nome de departamento (D-S: Deux Sèvres; E-L: Eure et Loire; I: Indre; I-L: Indre et Loir; L: Loir-et-Cher; L-C: Loir-et-Cher; M-L: Maine et Loire; N: Nièvre; S: Sarthe; V: Vienne). No cartão: 6 — Região «Pays de la Loire» (proposição de VERRIÈRES); PL — Pays de la Loire; C — centro; B — Borgonha; SW — Sudoeste.

de base à ventilação das medidas de desenvolvimento preconizadas para o VI Plano francês, uma reflexão sobre os critérios utilizados pelo autor, na delimitação da área estudada, seria uma chamada de atenção para o valor da compreensão geográfica do espaço na definição das regiões, que se pretendem como órgãos vitais e não como quadros abstractos, servindo apenas uma programação teórica. As cidades e regiões do Loire médio foram integradas numa região-programa, criada por decreto em 1959 e designada por «Centro»; uma outra, formada em torno de Nantes, foi chamada «Pays de la Loire» (fig. 1). Interessante referir estas duas regiões na medida em que, na introdução, cidades e regiões do Loire médio se nos apresentam fazendo parte dum conjunto territorial («Pays de la Loire»), cuja originalidade é desde há muito reconhecida pelos geógrafos. A sua fisionomia particular é posta em destaque na página 13: «Na extrema diversidade das condições naturais ligada à heterogeneidade dos solos e à vigorosa incisão dos vales, precocemente aparecem agrupamentos regionais, materializados pela compartimentação de províncias sob a acção de cidade.» Maine, Anjou, Touraine, Poitou, Orléanais, Nivernais, Berry são entidades regionais históricas que ainda hoje, não obstante a disposição dos meios de transporte e a evolução da economia moderna terem modelado uma feição própria às suas capitais, modificando até certo ponto a sua audiência regional, exprimem, pela situação e projecção daquelas, uma profunda realidade geográfica. A modestia dimensional, uma personalidade rural muito forte e as vicissitudes históricas que cedo lhes cortaram a autonomia pela sua anexação ao Domaine Royal, impossibilitaram qualquer delas de se constituir como poderosa entidade económica, à semelhança de uma Lorraine ou uma Alsace.

Ricas de prestígio histórico, estas regiões evoluíram à sombra dele e à da capital, desconhecendo os efeitos das grandes concentrações industriais. Daqui resultou uma urbanização mais paralela do que hierarquizada, pois nenhuma das suas capitais ascendeu ao escalão de metrópole, e uma profunda identidade de mentalidade, traduzida numa «arte de viver», que se reconhece com ligeiras diferenças quer num Poitevin, quer num Manceau. Estas características originais poderiam orientar, no âmbito das grandes associações inter-regionais de planeamento, a junção destas pequenas células afins por elementos de natureza histórica, demográfica, geográfica, económica e psicológica, reconstituindo uma verdadeira região «Pays de la Loire», onde importaria respeitar simultaneamente a integridade do todo e a personalidade de cada uma das partes, invalidando a actual região assim designada e, sobretudo, o aberrante «Centro». A Touraine e o Orléanais, favorecidas pela própria disposição do curso do Loire, individualizam-se pela maior intensidade da vida de relação, fortuna particular das actividades urbanas, um comportamento humano que o autor considera o mais tipicamente «ligérien». Estamos longe dos critérios que presidiram à criação das 21 circunscrições de acção regional, delineadas em função de dois princípios rígidos, a reconhecer invariavelmente: presença de um pólo de desenvolvimento e herança de tradição pro-

vincial em áreas suficientemente vastas. Esta esquematização, forçando a realidade geográfica, faz-nos compreender as amputações realizadas nos «Pays de la Loire», tal como os geógrafos os entendem, dadas as circunstâncias particulares de evolução histórica deste complexo regional. A região Centro parece surgir, assim, pela agregação de departamentos que foram ficando marginais depois de uma distribuição periférica, composição feita de divórcios e contradições impostas. É um erro perenizar um traçado que a experiência revela inoperante; não há razão para que a divisão regional se alheie da realidade presente, inscrita na paisagem. Em relação aos «Pays de la Loire», a proposição apresentada por VERRIÈRES <sup>(2)</sup> (fig. 1) reflecte o pensamento que encontramos neste trabalho. Fundamentado nos dados geográficos, reconstituiu uma região, cujos limites são traçados com base na determinação das áreas de influência das várias cidades, método que BABONEAUX emprega a uma escala mais restrita. A exclusão do Anjou, feita por prudência, numa primeira sugestão de trabalho, deve-se a uma conjuntura de evolução administrativa recente, que orienta Angers mais para Nantes do que para Tours, indicada como futura capital de uma «região desmultiplicada».

Destacamos as questões gerais de metodologia aplicável que ressaltam na introdução desta longa tese sobre as cidades e regiões do Loire médio (Touraine, Blésois e Orléonais); resta-nos analisar o seu plano para encontrar, na sequência das várias partes, a explicação da letargia e mediocridade económica daquela área, apesar das incitações recentes de que beneficia, ligadas à descentralização de indústrias parisienses.

Em três grandes partes, o autor leva-nos progressivamente do conhecimento das estruturas urbanas, a que são consagrados as duas primeiras, ao dos desequilíbrios regionais.

Cerca de uma trintena de cidades floresceu antes do século XII na secção média do rio, beneficiando duma posição geográfica excepcionalmente favorável às actividades de troca e de passagem, baseadas no trânsito fluvial e na articulação de correntes de tráfego terrestre complementares. Da irradiação de Tours, Blois, Orléans, mais privilegiadas pela situação, surgiram pequenas entidades provinciais, que correspondiam a regiões urbanas — espaços funcionais — adaptadas à época da economia comercial fundamentada na navegação do Loire.

A implantação das grandes redes ferroviárias e rodoviárias modernas suscitou profundas reacções na burguesia local, de espírito mercantil, que via nelas um factor limitativo da sua prosperidade e prerrogativas económicas. Dispostas segundo um feixe de vias divergentes de Paris, afastando-se do eixo preferencial da relação regional, com um traçado preponderante N-S, não realizaram uma selecção urbana,

limitando-se a manter rivalidades entre organismos concorrentes e a favorecer uma mais estreita dependência da capital.

Esta evolução mantém um «ar de família» entre as cidades. Os seus laços de parentesco traduzem-se quer na morfologia, quer nas funções. A análise da planta revela uma série de elementos comuns, símbolos da importância das actividades de troca que as vivificaram: a ponte, o alongamento do casario no sentido do vale, os cruzamentos de eixos perpendiculares. O estudo da estrutura funcional reflecte também fortes semelhanças, pois, apesar de numerosas, nenhuma conheceu uma especialização excessiva, obedecendo como que a destinos análogos. O sector terciário tem um lugar predominante. A extensão das áreas de influência comercial, bancária, hospitalar, escolar e fundiária mostra a importância relativa das cidades no comando da economia regional, que muitas vezes coincide com a sua área de influência histórica; a riqueza monumental ligada a uma tradição nobre de frequentação, o atractivo da quietude das paisagens, condicionaram o desenvolvimento do turismo como uma forma original das relações comerciais, favorecendo sobretudo as aglomerações que, pela situação, são ponto cómodo de partida de muitas excursões diárias. O secundário é, pelo contrário, um sector modesto. Sem uma indústria predominante, os seus efectivos, distribuídos nas grandes e pequenas cidades, assim como nas aldeias, não apresentam grandes desvios em percentagens relativas (30 a 40 p. 100); as excepções devem-se a criações recentes, na sua maior parte resultantes de experiências de descentralização que por si só ofereceram 20 000 empregos, 37,5 p. 100 em Orléans. A juventude das empresas maiores, a ligação dos impulsos industriais sempre a iniciativas exteriores, acidentais, dificultaram o seu enraizamento e uma modificação sensível na fisionomia urbana. O tamanho das unidades descentralizadas arrastou a decadência de muitos estabelecimentos locais, criando uma situação crónica de desemprego, não obstante entre 1953 e 1961 os efectivos industriais terem aumentado de um quarto, enquanto o número de estabelecimentos diminuía de um décimo. A expansão económica foi assim realizada em desequilíbrio e apenas quando apreciada por cálculos de econometria poderá sugerir vitalidade.

Penetrando na essência da vida urbana, o autor mostra, ao longo da segunda parte, que, no próprio crescimento, as cidades conservam o seu «ar de família», apesar da diferenciação resultante do tipo de evolução demográfica registado no último século, ligado sobretudo a um intenso movimento migratório que não beneficia igualmente todas as cidades. Um afluxo de população heterogénea, dilatando o mercado de trabalho, poderia modificar o clima social existente, dominado pela presença de velhas aristocracias fundiárias e burguesias de negócios, facto que não se verificou. Os desequilíbrios atrás referidos na vida industrial reflectem isso e levam a pôr uma primeira interrogação relativa às razões que entravam a expansão dos efectivos assalariados e o desenvolvimento das pequenas empresas que os absorveram, fermentos capazes de criarem um mundo activo de feição bem diferente.

<sup>(2)</sup> J. VERRIÈRES, «Réflexions sur la région dite du Centre: pour une véritable région des Pays de la Loire», in *Norois*, n.º 60, Oct.-Déc., 1968, pp. 503-515.

A resposta fica em suspenso, porque nos capítulos seguintes são-nos apresentadas as repercussões espaciais do crescimento demográfico verificado: proliferação anárquica dos arrabaldes, onde se registam as maiores taxas de acréscimo populacional, degradação do património imobiliário e das infra-estruturas nos bairros antigos, entraves dos resíduos da propriedade eclesiástica absorvida pela expansão urbana, insuficiente e lenta progressão das redes de distribuição dos equipamentos básicos. A reorganização das estruturas internas, profundamente afectadas pela desordem no crescimento, leva a uma série de operações de urbanismo que encontram múltiplos obstáculos, não só de natureza física como humana: condicionamentos postos pelo sítio e pelo relevo, pelas águas de escorrência superficial e das inundações, pela natureza do subsolo, a que se juntam as especulações fundiárias, as rivalidades administrativas, o peso dos interesses particulares. São estes os temas com que se conclui esta segunda parte, que, pela riqueza do seu conteúdo, constitui verdadeira orientação de método na colaboração necessária entre geógrafos e técnicos atentos à disciplina da urbanização.

É na última parte que se amplifica o escalão espacial de análise. Apesar das repetições frequentes, ao reintegrar as funções urbanas na óptica da economia nacional, o autor mostra-nos claramente quais os factores que comprometem o equilíbrio regional.

Não obstante as grandes realizações em matéria de indústria, de habitação, de infra-estruturas, as cidades do Loire médio perdem importância em relação a outras cidades francesas colocadas em situação aparentemente semelhante de desenvolvimento. Entre 1851 e 1962, Tours passa do 27.º ao 32.º lugar (excluindo desta classificação as aglomerações da área suburbana de Paris), Orléans do 16.º ao 35.º, Blois do 66.º ao 89.º, enquanto Reims passa do 19.º ao 17.º, Le Mans do 4.º a 18.º.

As causas do desequilíbrio são complexas; as cidades ressentem-se dum conjunto de fraquezas que limitam a sua capacidade para acompanhar os benefícios da descentralização. Um primeiro elemento de diagnósticos encontra-se ao nível intra e inter-regional. A proximidade dos centros urbanos desencadeia uma tenaz concorrência a todos os níveis. Os mais pequenos são esmagados, no desempenho das suas funções, pelo poder atractivo das duas cidades maiores, que, por seu turno, mantêm entre si as rivalidades herdadas num passado distante. Mais perceptíveis e mais graves no momento actual, porque geram uma situação desarmonica a nível superior, incompatível com o espírito duma verdadeira expansão económica regional, tais rivalidades traduzem-se na disputa constante pela obtenção de privilégios, como a presença duma Universidade, capazes de lhes conferirem individualmente o lugar de capital no âmbito da política actual de desenvolvimento. A sua importância equivalente, expressão duma dispersão de funções, requerida pelas próprias condições geográficas, seria um meio de estabilidade para uma futura região de planeamento centrada em torno delas. No entanto, esta associação exige discernimento, dadas as oposições

auscultadas e a pressão competitiva de outras cidades vizinhas, aspirando também ao lugar de comando, entre as quais Bourges, Angers e Le Mans.

Um segundo elemento, ao nível nacional: a vizinhança de Paris. Desde cedo obstáculo à evolução destas províncias tão próximas, a sua pressão amplificou-se, porém, nos últimos 50 anos, não obstante há cerca de 20. por uma modificação particular de conjuntura, ela constitui, por si, uma oportunidade para vencer as dificuldades passadas. A presença da capital exprime-se por diferentes formas de estreita dependência: sangria demográfica, selectiva e generalizada ao mundo rural e urbano; punção económica e cultural pela drenagem de mercadorias, de capitais, de clientela de todos os tipos de serviço e de equipamentos mais especializados, pela apropriação fundiária em constante progressão, ligada aos interesses duma classe abastada que, nesta área onde «é bom viver», encontra lugar de eleição para instalar residências secundárias, parques de caça, propriedades de veraneio, pelas múltiplas sucursais de firmas comerciais e industriais... Se hoje prodigaliza uma injeção de capitais na economia regional, esta representa uma nova forma de subordinação até ao momento em que se verificar a participação efectiva da população local nos esforços de industrialização.

É neste ponto que encontramos resposta à interrogação aberta na segunda parte da obra. Se a centralização política parisiense, pela imposição das zonas de abatimento de salários, inferiorizando a província a título dum custo de vida mais baixo, foi nociva à radicação da classe operária que perdeu os seus elementos mais jovens e dinâmicos, a atitude da classe patronal, quer pelo seu espírito de conservantismo, quer pela preocupação de satisfazer os interesses pessoais, não estimulou os efeitos sociais económicos da industrialização, explorando aquela situação criada pelo Estado sem encontrar reacção na massa do operariado, cuja falta de combatividade e desapego se explicam pelo seu enquadramento em estruturas industriais de pequenas dimensões, que não suscitaram uma forte coesão sindical. Por outro lado, o envelhecimento progressivo da população, agravado pelos movimentos migratórios centripetos de reformados e pelas rivalidades interurbanas, condiciona as hostilidades e inércia de algumas municipalidades perante a resolução de problemas fundiários postos por uma burguesia «inflexível no seu mercantilismo», comportamento que arrasta um subequipamento económico e social das estruturas urbanas em matéria de terrenos industriais, habitação, distrações, somatório de carências que pesa muito junto dos industriais interessados na transferência dos estabelecimentos. Factores espaciais, técnicos e humanos interferem assim para afirmar a situação de desequilíbrio e estagnação logo evidenciada na primeira parte.

Se ela nos parece quase uma condenação, as últimas rubricas deixam antever, num conjunto de pequenas modificações, ainda muito ténues, registadas a partir de 1962, um lento amadurecimento de mentalidades, um aparecimento de forças novas, que abrem perspec-

tivas mais prometedoras para o futuro: expansão do sindicalismo, com melhoria de salários associada à instalação de grandes firmas, rejuvenescimento do patronato menos receoso das influências externas e mais aberto a uma colaboração recíproca, renovação de quadros dirigentes de muitas administrações.

«Com a abolição progressiva dos antigos privilégios dos interesses conservadores, a cidade parece encontrar nela os meios de sair dos seus erros e letargia.» (P. 689).

*ISABEL MARQUES*